

Inclusão ou seleção na USP: uma questão estratégica de desenvolvimento nacional

Para que um país se torne desenvolvido, é fundamental a criação de um sistema educacional eficiente, formado por alunos com apoio familiar e com saúde; professores motivados e bem preparados; escolas com dependências adequadas e bem equipadas. Nesse sistema, o ensino de primeiro grau atinge a maioria dos jovens, oferecendo oportunidades consideradas iguais. Nesta etapa, a força interior, as vocações e os talentos são progressivamente definidos e as individualidades surgem. De acordo com interesses e capacidades, os jovens, tendo como limitante a disponibilidade de vagas, procuram os locais que oferecem a formação mais adequada: escolas técnicas de segundo grau, escolas intermediárias de segundo grau, universidades e universidades de pesquisa. Escolas técnicas devem preparar os jovens para executar atividades operacionais sofisticadas. Escolas intermediárias devem prepará-los para as universidades em geral ou para as universidades de pesquisa. Universidades de formação generalista os preparam para conduzir os segmentos da sociedade. Universidades de pesquisa formam jovens não só para conduzir, mas também para transformar a sociedade, oferecendo preparo intelectual, técnico e científico aprofundado.

As universidades de pesquisa sempre foram importantes instrumentos para a melhoria da qualidade de vida dos cidadãos, mas, nas últimas décadas, isso se acentuou com os impactos que as evoluções científicas e tecnológicas têm na geração de bens, serviços e na própria organização da sociedade. Os países que construíram seu desenvolvimento a partir de universidades de pesquisa são muitos, como Estados Unidos e Japão. Um exemplo mais recente é Israel. Merece destaque a estratégia de desenvolvimento adotada por Índia, China e Coréia do Sul, que optaram por pesados investimentos para a criação e consolidação de universidades de pesquisa de alto nível.

No século passado, o Brasil percebeu a importância estratégica de ter universidades de pesquisa e fez grande esforço para desenvolvê-las. A maior delas é a USP, criada em 1934.

Em uma sociedade equilibrada, o segundo grau técnico, as universidades e as universidades de pesquisa são igualmente importantes, porém cada um com porte diferente. As escolas técnicas e universidades são numerosas, enquanto as universidades de pesquisa são em número reduzido. São raros os franceses que chegam às “Grandes Écoles” ou os americanos que chegam a Harvard ou ao MIT. Os que chegam o fazem porque comprovaram diferenciais pessoais para as atividades intelectuais criativas, pois, nas universidades de pesquisa, o objetivo é o de atingir e manter a qualidade técnica.

A USP sempre seguiu o critério técnico para escolher seus alunos. O vestibular foi a solução encontrada para atingir esse objetivo. Podemos nos orgulhar da FUVEST, a fundação responsável pelo vestibular da USP, reconhecida como uma das instituições mais competentes, sérias e respeitadas do Brasil.

Voltando ao passado, as melhores escolas de segundo grau eram as escolas públicas modelo. Muitos dos professores da USP formaram-se nessas escolas, freqüentadas por alunos selecionados por exames técnicos - os vestibulinhos - independentemente da

classe socioeconômica, mas que pecava pela exclusão social. Para superar isso, iniciou-se uma empreitada para o aumento da abrangência dos ensinos fundamental e médio. Infelizmente, com o problema de escala a superar, a qualidade foi esquecida, não só a das novas escolas, mas também a das antigas escolas modelo. Assim, formou-se o panorama ideal para a consolidação das escolas particulares. Com o acesso aos melhores estudantes, estas ganharam respeito e arrebanharam alunos das classes mais favorecidas. Os jovens com potencial, mas sem condições econômicas, ficaram entregues à rede de escolas públicas e perderam a vez no bonde da história à medida que não conseguiram desenvolver seu talento.

A partir dessa realidade, o vestibular da USP ficou involuntariamente tendencioso para os alunos que podem pagar boas escolas. Mantendo-se a filosofia de que os melhores são escolhidos por critérios técnicos e objetivos, na prática, há casos de excluídos do processo, simplesmente por não terem acesso a boas escolas de ensino médio. Dessa forma, o sistema educacional fica viciado e injusto e a sociedade perde talentos, mesmo sendo a seleção justa e imparcial. Como é grande o universo de excluídos, conjectura-se que talentos desse grupo sejam melhores do que muitos dos admitidos atualmente.

Assim, aparece um desafio a ser equacionado: **como recrutar os talentos de todas as camadas sociais, sem exclusão, sem diminuir a qualidade de cursos de excelência como os da USP?**

Um caminho advogado por muitos é a expansão. Contudo, expansões que concomitantemente preservem a qualidade devem ser cautelosas, examinando cuidadosamente a disponibilidade dos insumos necessários para viabilizá-las: dotação orçamentária continuada; disponibilidade de corpo docente instalado ou a ser contratado; e preparação dos novos alunos ingressantes. A USP realizou recentemente uma expansão significativa, na qual, infelizmente, nem sempre esses cuidados foram tomados. Isto é motivo de preocupação, pois a destruição das escolas públicas-modelo do ensino médio é um fantasma que não deixa de nos assombrar.

Outra solução que nos parece falsa é a criação de cotas para alunos desfavorecidos e “despreparados”. As cotas são ruins para a universidade e os alunos. Para as universidades, por terem que conviver simultaneamente com alunos preparados e despreparados. Para os alunos, por terem que aprender conceitos para os quais não possuem os fundamentos necessários. As conseqüências são evasão e diminuição da profundidade do ensino.

Recentemente a USP optou por modificar as regras do vestibular, adicionando 3% na média dos candidatos oriundos de escolas públicas, o que não deverá ter impacto negativo na qualidade dos aprovados. Porém essa abordagem é um caminho esgotado, já que aumentos no parâmetro teriam efeitos maléficos na qualidade dos alunos aprovados, e abre um precedente perigoso, pois mexe na isonomia do vestibular.

Não seria o retorno aos aspectos bons do passado a solução para o problema, isto é, a reedição de escolas modelo para alunos egressos de escolas públicas de primeiro grau, escolhidos por critérios técnicos e sociais?

Isso permitiria que alunos de potencial, formados em escolas públicas, pudessem competir no vestibular em condições de igualdade com os formados em escolas

particulares. Viabilizar isso depende da sociedade e deve culminar em iniciativas do governo estadual e da mobilização de entidades governamentais e privadas. Contudo, o passo inicial deveria ser dado pelos professores e pela própria reitoria da USP.

Ações imediatas poderiam ser tomadas. A FUVEST poderia organizar um processo seletivo para alunos que terminam o primeiro grau em escolas públicas e os primeiros colocados receberiam um professor como tutor; uma bolsa para os três anos do segundo grau; e uma vaga em uma boa escola. . A abrangência do programa, coordenado pela USP, dependeria dos recursos angariados. A UNICAMP e a EMBRAER já dão o exemplo, mantendo boas escolas de segundo grau para alunos oriundos da rede pública.

Esta é apenas uma alternativa de baixo custo, que contribuiria para diminuir a injustiça social, melhoraria nossa universidade com a seleção de um número maior de talentos e preservaria o conceito chave de universidade de pesquisa.

Na verdade, o conceito de universidade de pesquisa parece ser mal entendido entre nós. Uma interpretação corrente é que o papel social da USP é gerar um imenso número de vagas e incluir o maior número de alunos possível. Esse tipo de interpretação é ingênua e pode trazer prejuízos imensos à nação. **A universidade de pesquisa necessita de qualidade e, por isso, não inclui, seleciona. Universidade de pesquisa não gera vagas diretas, mas conhecimentos e lideranças, que, finalmente, são a grande fonte de riquezas da nação.**

E que não justifiquem decisões estratégicas equivocadas pela incompreensão popular. A capacidade do povo brasileiro de entender palavras como meritocracia ou excelência não deve ser desprezada. Não conheço alguém que se surpreenda pelo fato que apenas meninos “muito bons de bola” sejam selecionados para jogar no infantil do Corinthians ou do São Paulo. Por que alguém deveria se surpreender que apenas jovens com “muito talento intelectual” sejam selecionados pelo vestibular da USP?

Junior Barrera

Prof. Titular e Presidente da Comissão de Pesquisa do IME-USP

jb@ime.usp.br / www.ime.usp.br/~jb